

A nova escola que surge

Tem aluno criativo, com liberdade para pensar, inovar e que pode errar



ENSINO HÍBRIDO

A disruptura no modo de ensinar

LEITURA

A falta da leitura recai sobre a escola

AVALIAÇÃO

O quanto se pode cobrar

EDUCAÇÃO INFANTIL

É a curiosidade que move o aprendizado

PNLD 2023

Ensino Fundamental

anos iniciais

FTD EDUCAÇÃO

BNCC + PNA



Descomplicando a jornada docente rumo
a uma **Educação transformadora.**

Materiais que facilitam o ensino e conectam estudantes e professores a experiências inovadoras.



Acesse e saiba mais em:

PNLD.FTD.COM.BR



FTD® - MKT



ionica

sou a aprendizagem levada além.

Sou o ambiente digital de aprendizagem da **FTD Educação**.

Comigo, gestores, professores e estudantes se conectam em um espaço sempre atualizado, integrado, seguro e perfeito para criar, compartilhar, interagir e levar a Educação além.



Minha biblioteca oferece mais de 14 mil livros digitais, além disso, tenho mais de 32 mil recursos virtuais.



Tenho um banco com mais de 68 mil questões para todos os níveis de ensino.



Possuo integração com as melhores ferramentas, para transmissões de aulas virtuais, quando e onde você estiver.



Para facilitar o acesso, professores e estudantes podem organizar os seus conjuntos de livros favoritos.



Na agenda, professores e estudantes organizam suas tarefas, conferem horários e acompanham os status das entregas em tempo real.



Os meus conteúdos digitais podem ser avaliados por todos os usuários, possibilitando um canal direto de feedback.



Ofereço relatórios estruturados por habilidade e atividade, que permitem o acompanhamento do desempenho dos estudantes.



O mural é o local de interação entre alunos e professores. Nele, é possível publicar avisos, tirar dúvidas e acompanhar o desenvolvimento das turmas.



Escaneie o QR Code ao lado e assista ao vídeo ou acesse o site souionica.com.br

Licença anual de uso. Consultar disponibilidade do projeto na sua região.

FTD
EDUCAÇÃO

PARA LER O ANO INTEIRO

Você vai ler abaixo parágrafos extraídos das matérias que compõem esta primeira edição de 2022, que esperamos seja melhor para todo o Brasil. Pelos textos curtos publicados neste editorial dá para ter numa ideia da contínua relevância da **Mundo Escolar**.

“Diante de um cenário disruptivo fortemente impactado pelas discontinuidades tecnológicas, os problemas que se colocam hoje são muito mais complexos e multifacetados do que há 10 anos, e isso exige novas competências do professor em sala de aula. (Mozart Ramos)

“Na verdade, os estudantes queriam mais flexibilidade e seu próprio espaço, o que é possibilitado pela educação mediada pela tecnologia. Mas foi no fechamento das escolas que também se valorizou mais o momento presencial.” (Lúcia Dellagnelo)

“A intersetorialidade é significativa, sobretudo na educação infantil, porque se uma criança não tem vínculos afetivos estabelecidos na família, se vive situações de estresse tóxico e de desamor, terá seu desenvolvimento neural prejudicado, o que comprometerá sua aprendizagem”. (Claudia Costin)

“Boa parte das pessoas teve a experiência de começar a ler no ambiente escolar, mas a responsabilidade de formar leitores também é da família. As casas brasileiras, em sua grande maioria, não são ambientes propícios. Pais que não leem, crianças sem acesso, também por razões socioeconômicas”. (Estevão Azevedo)

“Na maioria dos países, diferentes modelos definiram a educação das pessoas com deficiência: a segregação, a integração e a inclusão. (Rodrigo Bittencourt)

“Nascemos com um cérebro capaz de aprender e é por essa razão que crianças aprendem tão rápido, porém, não há ainda no cérebro humano uma programação que facilite a aprendizagem da leitura e da escrita, como acontece com a linguagem oral”. (Renan de Almeida Sargiani)

“Seja qual for o modelo de ensino, online, presencial ou híbrido, as crianças e jovens precisam ter um olhar individualizado de uma equipe multidisciplinar”. Fabya Jakellyne Alves Souza,

“Conhecer as histórias dos antepassados, práticas e costumes antigos e presentes, já que a cultura não é estática, auxilia na compreensão do que é ser brasileiro, possibilitando um sentimento de pertencimento”. (Daniel Munduruku)

“Na retomada, a escola precisará reavaliar seu papel e traçar estratégias para trabalhar também as habilidades, conforme a BNCC, essenciais para o mundo tão incerto. Certamente as habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais) darão suporte para a criação de atitudes e valores que permitirão a resolução das demandas complexas da vida moderna e estarão preparados para o mundo do trabalho, quando chegar esse momento”. (Geraldo Peçanha de Almeida)

Os desafios para educadores em 2022 são muitos: pandemia, novo ensino médio e ensino híbrido, entre outros. Nosso papel é ajudar levando conteúdo para que possamos atravessar juntos mais essa jornada. Que tenhamos um ensino e aprendizagem à altura das nossas necessidades. Feliz 2022.

Boa leitura. Equipe Educacional

Equipe de trabalho FTD Educação

Ricardo Tavares
Ceciliany Alves Feitosa
Roberta Campanini
Sonia Cristina Alves Furquim (Curadoria de Conteúdo)
Clayton Luiz Ferreira de Oliveira
Ana Gabriela Lopes Noquelli

Realização:

Editor:
Edimilson Cardial
Repórter:
Karen Cardial
Projeto gráfico e diagramação:
Débora de Bem
Gerente de publicidade:
Margarete Rios Silva



A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação, produzida pela RFM Editores com conteúdo exclusivo para seus leitores. Distribuição gratuita.

Impressão:



FTD Educação
Rua Rui Barbosa, 156 - Bela Vista - São Paulo
CEP 01326-010 - www.ftd.com.br



6 Qualidade do professor
é fator impactante na aprendizagem
dos alunos

10 A disruptura
no modo de ensinar

14 Primeira infância
é o licerce da educação

20 A busca por
jovens leitores

26 Trabalhar os
impedimentos
da aprendizagem

30 Investir na educação
infantil
para melhorar a vida

32 Escola e família
como pontos de apoio

34 “Felicidade do Brasil
está em sua diversidade”

38 Universo de
experiências,
conhecimento e aprendizagens



Qualidade do professor é fator impactante na aprendizagem dos alunos

Alunos do 5º ano retrocederam 10 anos em proficiência escolar e 14 anos em Matemática, segundo dados das avaliações diagnósticas realizadas no estado de São Paulo

Diante de um cenário disruptivo fortemente impactado pelas discontinuidades tecnológicas, os problemas que se colocam hoje são muito mais complexos e multifacetados do que há dez anos, e isso exige novas competências do professor em sala de aula. A pandemia tem sido um grande catalisador para algumas das mudanças que estavam em curso na área da Educação, antecipando um cenário que só se imaginava no futuro. A escola de hoje terá de incorporar ao seu planejamento a questão do ensino remoto, das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. E a formação adequada dos professores é fundamental para que isso funcione.

O grande desafio da aprendizagem escolar no país, principalmente para os anos finais e o Ensino Médio, é como diminuir a desigualdade educacional, que foi ampliada com a pandemia de covid-19. Ela mostrou claramente que parte das crianças e jovens teve acesso à educação remota, mas que milhões passaram praticamente três semestres escolares sem nenhuma atividade porque

*“PENSAR NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR SIGNIFICA
PENSAR NO FUTURO DO ALUNO”*

– MOZART NEVES RAMOS

não tiveram acesso à internet banda larga. “O professor, no início da pandemia, teve que se reinventar da noite para o dia, sem preparo para trabalhar de maneira remota, trocando o pneu com o carro em movimento”, ilustra Mozart Neves Ramos, membro do Conselho Nacional de Educação (CNE), que costuma dizer que a internet banda larga é o caderno e o lápis do século 21 e assegura que o professor do futuro (e o futuro chegou) vai ter que lidar com as novas tecnologias.

Imerso nesse cenário disruptivo, o professor precisa adquirir habilidades para trabalhar nessa nova sala de aula. Habilidades e competências como colaboração, criatividade, resiliência emocional, pensamento crítico e abertura ao novo, sem restringir-se às suas próprias crenças, mas principalmente trabalhar com base em evidências para estar apto para o novo ambiente educacional.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz as competências gerais que os alunos deverão desenvolver ao longo de toda a Educação Básica, e o professor deve estar apto a desenvolver tais habilidades. “É preciso qualificar os conteúdos e oferecer uma educação integral, que vá além dos aspectos meramente conteudistas, mas que seja uma sala de aula onde o professor, como mentor, incentive a pesquisa-ação e desenvolva em seus alunos tais competências”, norteia Mozart, titular da cátedra Sérgio Henrique Ferreira, do Instituto de Estudos Avançados da USP – de Ribeirão Preto (IEA-RP/USP).

A sala de aula que ainda prevalece é a de alunos olhando a nuca dos alunos da frente. “Alunos enfileirados com o professor em frente à lousa, dando conteúdos, jamais desenvolverão competências como criatividade, pensamento crítico e colaboração, então é preciso preparar o professor para novas arquiteturas na sala de aula”, instrui Mozart, que foi pró-reitor acadêmico e reitor da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco).

Nesse contexto, a figura do professor não é mais a de mero repassador de conteúdos, mas de alguém capaz de estimular os alunos ao desenvolvimento pleno em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A APRENDIZAGEM ESCOLAR APRESENTA QUEDA ACENTUADA

Num cenário que já era desafiador, a pandemia mostrou claramente que houve uma queda acentuada na aprendizagem. Alunos do 5º ano retrocederam 10 anos em proficiência escolar e 14 anos em Matemática, segundo dados das avaliações diagnósticas realizadas no estado de São Paulo. O que mais impacta a aprendizagem dos alunos, com base nas pesquisas e evidências, é a qualidade do professor. “Um estudo mostra que não há sistema educacional cuja qualidade seja superior à qualidade do professor”, aponta Mozart, que acredita que pensar na formação do professor significa pensar no futuro do aluno. “Certa vez, numa palestra em Santa Catarina, a presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos afirmou: ‘Hoje nós contratamos pelo cognitivo e demitimos pelo socioemocional’. Isso mostra que ter o domínio da língua estrangeira, da Matemática, das ciências, naqueles conteúdos que são essenciais, é apenas ponto de partida”, conclui Mozart, que enxerga a necessidade de preparar os alunos para competências que os desenvolverão plenamente para a vida profissional, social e pessoal.

Durante a pandemia, foi imperativa a necessidade de os pais se envolverem na vida escolar dos filhos, mostrando que o fator mais importante depois do professor era a participação da família. “Não há escola engajada sem a participação das famílias”, acrescenta Mozart, que também foi presidente do CONSED (Conselho Nacional de Secretários de Educação), e adverte que “as famílias não devem terceirizar a vida escolar de seus filhos à escola”. Esse cenário extremamente complexo vai exigir colaboração, pensar fora da caixa e preparar o professor para esse novo ambiente. “Se não fizermos isso, estaremos oferecendo uma educação que não mais dialoga com os anseios da juventude, e o resultado será o abandono escolar, que já era grande antes da pandemia, durante a qual, em média, 500 mil jovens do Ensino Médio, por ano, abandonaram a escola”, acautela Mozart, autor de vários livros sobre Educação.

FERRAMENTAS DE FORMAÇÃO

A BNC-Professores (Base Nacional Comum para Formação de Professores da Educação Básica) é baseada em três eixos que vão nortear a formação inicial e continuada dos docentes de todo o país: conhecimento, prática e engajamento. No conhecimento, o professor deverá dominar os conteúdos e saber como ensiná-los, demonstrar conhecimento sobre os alunos e seus processos de aprendizagem, reconhecer os diferentes contextos e conhecer a governança e a estrutura dos sistemas educacionais. No eixo da prática, o professor deverá planejar as ações de ensino que resultem na aprendizagem efetiva, saber criar e gerir ambientes de aprendizagem, ter plenas condições de avaliar a aprendizagem e o ensino, e conduzir as práticas pedagógicas dos objetos do conhecimento, competências e habilidades previstas no currículo. No último eixo está o engajamento, no qual é necessário que o professor se comprometa com seu próprio desenvolvimento profissional, com a aprendizagem dos estudantes e com o princípio de que todos são capazes de aprender. Além de ser engajado com colegas, famílias e toda a comunidade escolar.

“O que precisamos agora é investir de maneira correta para formar adequadamente o professor com base nessas orientações, pois instrumentos a gente já tem”, considera Mozart.

Certo de que o jovem de hoje quer ser uma pessoa ativa e participativa na construção de seu futuro, Mozart, que foi agraciado com o título de “Educador Internacional do Ano” pela International Biographical Center, de Cambridge e, Inglaterra, em 2005, confirma que a escola deve ser um grande catalisador para a construção do futuro da juventude e não simplesmente um repassador de conteúdo, pois, se assim for, o jovem não estará estimulado a estudar.

Mozart conta que ano passado, numa live, um professor falou: “Eu estou preocupado com a avaliação, porque eu não sei se os meus alunos estão colando”, quando um aluno que participava replicou: “Olha, professor, se a resposta da pergunta que o senhor fez já estava no livro, esta não era a pergunta que o senhor deveria fazer. A

pergunta seria aquela que nós, alunos, a partir do estudo e em posse do livro, fôssemos buscar a resposta, aquela que não está no livro”.

Trabalhar a pesquisa-ação será muito importante para estimular nos jovens essas novas habilidades.

FLEXIBILIDADE E DIVERSIDADE NO ENSINO

O jovem do futuro – e, como nos coloca Mozart, o futuro já chegou – quer uma escola dinâmica, em que ele participe como protagonista na perspectiva de seu projeto de vida. O ensino deve ser flexível e diversificado. “Temos que acabar com a ideia de que todo jovem deve fazer o mesmo percurso, acabar com o antigo Ensino Médio, no qual todos tinham que fazer 13 disciplinas, sem conexões, muitas vezes sem aprofundamento e, portanto, infrutífero”, orienta Mozart, que foi o primeiro presidente executivo do Movimento Todos pela Educação.

O Novo Ensino Médio traz conexão com o mundo do trabalho e Mozart ressalta a importância disso ao afirmar que, a cada 100 jovens que concluem o Ensino Médio, apenas 22 vão para o ensino superior. “É preciso ter uma política no país que estimule os jovens a seguir o mundo do trabalho, pois muitos deles, quando concluem o Ensino Médio, já estão com 19, 20 anos”, pondera Mozart, agraciado com o título de “uma das 100 pessoas mais influentes do Brasil” em 2008, pela revista *Época*.

“O jovem de que estamos falando é aquele que quer ser criativo e não um absorvedor de conteúdos, mas um jovem com liberdade de pensar de forma heterodoxa, de inovar, e para inovar tem que ter direito ao erro. Um jovem conectado, articulado em redes sociais e que, portanto, exige uma nova escola, um novo professor”, encerra Mozart. 🗣️

“O PROFESSOR, NO INÍCIO DA PANDEMIA, TEVE QUE SE REINVENTAR DA NOITE PARA O DIA, SEM PREPARO PARA TRABALHAR DE MANEIRA REMOTA, TROCANDO O PNEU COM O CARRO EM MOVIMENTO”



A disruptura no modo de ensinar

Lúcia Dellagnelo, diretora-presidente do CIEB, ao analisar os benefícios do ensino híbrido, diz que a flexibilidade, a diversificação de estratégias pedagógicas, a personalização e o foco nas crianças e jovens podem aumentar o engajamento e os níveis de aprendizagem



O futuro chegou acelerado, diz Lúcia Dellagnelo, diretora-presidente do CIEB (Centro de Inovação para a Educação Básica), ao falar sobre a implantação do ensino híbrido na escola pública. “Na verdade, os estudantes queriam mais flexibilidade e seu próprio espaço, o que é possibilitado pela educação mediada pela tecnologia. Mas foi no fechamento das escolas que também se valorizou mais o momento presencial.”

Dellagnelo, catarinense radicada em São Paulo, é doutora e mestre pela Universidade Harvard e foi secretária de Desenvolvimento Econômico Sustentável de Santa Catarina. Ela define o ensino híbrido como um programa de Educação formal com momentos de aprendizagem que combinam propostas

realizadas on-line, de forma remota, mediadas por tecnologias digitais, e propostas presenciais, que ocorrem com a supervisão docente, com ou sem o uso de tecnologias digitais.

O CIEB nasceu em 2016, a partir da constatação de que a Educação brasileira não estava incorporando a tecnologia como estratégia de ensino. Se o Brasil vai ter uma escola pública melhor do que antes da pandemia, diz não saber, pois “se trata de uma pergunta de 1 milhão”, mas há uma mobilização no Brasil e em vários países para melhorar a infraestrutura que permite a implantação do ensino híbrido. Num de seus documentos, o CIEB esclarece: “Nossa visão é a de que essa abordagem pedagógica pode ser um caminho promissor para a melhoria da Educação pública mesmo após a

Lúcia Dellagnelo:
O futuro chegou
acelerado; é aproveitar
para dar um salto na
educação





reabertura das escolas. A flexibilidade, a diversificação de estratégias pedagógicas, a personalização e o foco nas crianças e jovens podem aumentar o engajamento e os níveis de aprendizagem”.

PENSAR O NOVO COM A LIBERDADE DE QUEM SE COMPROMETE COM AS POSSIBILIDADES, NÃO COM AS LIMITAÇÕES

É necessário ampliar o tempo de aprendizado. O Brasil é um dos países onde as crianças ficam menos tempo na escola, por isso, segundo Lúcia Dellagnelo, a tecnologia pode propiciar uma Educação de melhor nível e proporcionar mais equidade. É possível, por meio do ensino remoto, desenvolver novas competências, como empatia, colaboração, comunicação, resolução de problemas, pensamento computacional, autoconhecimento, respeito, cidadania, e ainda construir o projeto de vida, aprender a fazer curadoria de conteúdos na rede, construir soluções colaborativamente, entre tantas outras.

Segundo ela, o CIEB ressalta que “o momento presencial oferece oportunidades diversificadas de aprendizagem, de socialização, compartilhamento de pontos de vista – diferentemente das atividades realizadas remotamente por tecnologias digitais.

Os momentos presenciais também favorecem a realização de atividades que envolvem as trocas e interações interpessoais, afetivas e socioemocionais tão importantes para a experiência educativa. Refletir sobre um percurso que considere a personalização da aprendizagem significa valorizar o desenvolvimento de habilidades essenciais e de competências que valorizam a educação integral, considerando o protagonismo e o desenvolvimento da autonomia como elementos fundamentais nesse processo”.

Outro conceito defendido pelo CIEB é o da escola conectada, “que possui uma visão estratégica e planejada para incorporação da tecnologia em seu currículo e nas práticas pedagógicas, com equipe com competências digitais desenvolvidas, que utiliza recursos educacionais digitais selecionados e dispõe de equipamentos e conectividade adequados. A escola conectada é um alvo a ser atingido, pois ela é capaz de oferecer ensino híbrido integrando momentos presenciais e remotos utilizando tecnologias digitais com o objetivo de ampliar o tempo, o espaço e o ritmo de aprendizagem dos/das estudantes”.

O ensino híbrido pode proporcionar maior autonomia de aprendizagem, além de estar mais inserido na cultura digital. Ele também muda o papel docente, que terá que elaborar sequências didáticas em modalidades diferentes e criar trajetórias de aprendizagem integradas e complementares para cada estudante e turma. Professores e professoras passam a ser designers de aprendizagem, especialistas em planejamento, monitoramento, execução de planos de desenvolvimento de habilidades e competências. Esse será um novo modo de educar a nova geração, no entender de Dellagnelo.

QUANDO SONHAMOS O BRASIL, SONHAMOS COM EDUCAÇÃO. QUANDO SONHAMOS EDUCAÇÃO, NOSSO CAMINHO É A INOVAÇÃO

A própria BNCC já considerava utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para comunicar, acessar e disseminar informações,

ALGUNS MODELOS

Sala de aula invertida: Os/as estudantes realizam uma parte do estudo em casa, de forma remota, com a orientação do/da docente, e a outra parte em sala de aula, de forma presencial com o/a docente.

Rotação por estações: A aula é organizada para que os/as estudantes realizem atividades diferentes e complementares em estações de trabalho relacionadas com os objetivos de aprendizagem da aula. A turma é organizada em grupos, que passam por todas as estações (uma por uma), realizando as atividades dentro do tempo determinado.

Laboratório rotacional: A classe é organizada em dois grupos: um realizará atividades utilizando o computador do laboratório de informática (na sala de aula ou fora dela, se houver dispositivos móveis), para instituições que têm essa infraestrutura, e o outro grupo ficará sem os equipamentos, com o/a docente em sala de aula realizando as propostas planejadas para o momento presencial.

Rotação individual: Cada estudante recebe um roteiro personalizado de atividades planejadas pelo/a docente, que indica quais atividades são importantes para serem feitas de acordo com suas necessidades de aprendizagem.

Modelo flex: Os/as estudantes seguem um roteiro personalizado de propostas a serem realizadas on-line e, em alguns momentos, em atividades presenciais. O/a docente está disponível para oferecer ajuda ou iniciar projetos e discussões visando aprofundar a aprendizagem.

À la carte: Os/as estudantes cumprem um ou mais componentes curriculares inteiramente on-line, de forma assíncrona, com um/a docente responsável on-line, que atua no formato síncrono ou assíncrono, enquanto os demais componentes curriculares são cursados presencialmente, no espaço físico de uma escola.


Modelo virtual aprimorado (ou enriquecido): Os/as estudantes organizam o tempo em contato com conteúdos e atividades que são realizadas on-line e outros que acontecem no espaço da escola.

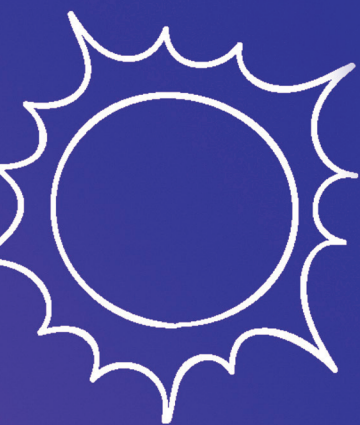
produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

O CIEB entende que as tecnologias digitais possibilitam que os/as estudantes aprendam de maneira mais significativa, mas, para isso, é importante que o planejamento contemple propostas que visem desenvolver as habilidades de “aprender a aprender”, “aprender a fazer”, “aprender a ser” e “aprender a conviver”, propostos por Delors e colaboradores (1990).

O currículo de cada escola se mantém na perspectiva de desenvolvimento de habilidades e competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e que podem ser desenvolvidas por meio dos modelos de ensino híbrido. Especificamente no momento de pandemia, a seleção de aprendizagens essenciais deve fazer parte da reorganização curricular necessária para distribuir, nos

segmentos, aquelas habilidades que não foram contempladas em 2020. Essa reorganização independe da metodologia que será escolhida pelas redes como fio condutor, e a implementação do ensino híbrido será uma forma de colocar em ação o currículo reorganizado.

O CIEB trabalha aliado ao MEC e às Secretarias de Educação dos estados e dos municípios, e entende que a escola conectada é aquela que produz conhecimento de seu tempo, atende à expectativa e modos de vida dos alunos, tem ritmos de aprendizagem e comportamento contemporâneos e tem padrões de relacionamento intergeracional, requisitos para o exercício pleno da cidadania e participação na sociedade. Essa síntese é feita por Lúcia Dellagnelo, diretora-presidente do CIEB (Centro de Inovação para a Educação Básica). 



Primeira infância é o alicerce da Educação

Na Educação Infantil, a criança aprende de forma lúdica, e é justamente o momento em que o planejamento pedagógico é determinante para que aconteça a intencionalidade pedagógica no brincar

Para realizar a transição da Educação Infantil para os anos iniciais, é preciso conhecer o ponto de partida, falar da primeira infância e reconhecê-la como alicerce da Educação. A primeira infância é a etapa em que a curiosidade está presente, a disposição para aprender é superior ao que acontece em qualquer outro período. É o momento dos múltiplos interesses. “A curiosidade, que deveria ser o que nos move para aprender ao longo da vida, é característica própria da Educação Infantil, e os professores devem usufruir desse aspecto e não destruir a curiosidade que a criança traz nessa etapa de forma tão natural”, orienta Cláudia Costin, fundadora e diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro



(CEIPE/FGV). Na Educação Infantil, há questões importantes que transcendem a escola, sendo por excelência uma etapa de diálogo entre três políticas públicas: educação, saúde e assistência social. Cláudia, que também foi diretora global de Educação do Banco Mundial, explica que a intersectorialidade é significativa, sobretudo na Educação Infantil, porque, se uma criança não tem vínculos afetivos estabelecidos na família, se vive situações de estresse tóxico e de desamor, terá seu desenvolvimento neural prejudicado, o que comprometerá sua aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que a etapa da Educação Infantil se dá num processo de interação entre um adulto (professor) e as crianças, e entre as crianças com seus pares. É quando aprende a diferença entre o “eu” e o “nós”, descobre que existe um outro além dela e conhece o coletivo. Treina a persistência, desenvolve a empatia, resolve problemas de forma colaborativa, e o que aprende na Educação Infantil é fundamental para as etapas posteriores da aprendizagem. “Como um pequeno cientista, a criança explora tudo ao seu redor, desde o gosto que tem o chão, ao som que é feito ao rasgar uma folha de papel, aprende sobre os processos científicos e sobre competências socioemocionais”, ilustra Cláudia, que foi secretária de Cultura do Estado de São Paulo e de Educação do Rio de Janeiro.

INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA PRESENTE NO BRINCAR

Na Educação Infantil a criança aprende de forma lúdica, e é justamente o momento em que o planejamento pedagógico é determinante para que aconteça a intencionalidade pedagógica no brincar. O ambiente de aprendizado deve ser planejado, seja a sala de aula, seja um ambiente alternativo. A escolha do cenário e dos materiais faz parte da atividade proposta. Se a atividade é de faz de conta, ter fantasias por perto é conveniente. Se o momento for de uma contação de história com base em uma obra literária, ter o livro à mão, de preferência um livro grande em que as crianças enxerguem as ilustrações e as letras, torna o mo-

“Na transição, é indispensável haver um processo de priorização curricular e um olhar cuidadoso para as crianças que não se beneficiaram do processo da Educação Infantil”





mento mais enriquecedor. “Não é pecado mortal começar a alfabetização na primeira infância, desde que se faça de forma lúdica”, defende Cláudia Costin, que é professora visitante da Faculdade de Educação da Universidade Harvard. “Se queremos nivelar as diferenças de origem socioeconômica, como concluiu James Heckman, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 2000 e especialista em economia do desenvolvimento humano, devemos investir na primeira infância como estratégia eficaz para o crescimento econômico”, diz.

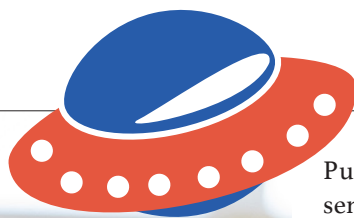
Durante a transição da Educação Infantil para os anos iniciais, a atenção está na ludicidade, que no 1º e no 2º ano do Ensino Fundamental não deve desaparecer. “Há muita pressa por parte dos professores em enfileirar as crianças em carteiras e, quando olhamos para a experiência internacional nos países com bons sistemas educacionais, vemos que não é isso que precisa ser feito”, cita Cláudia, que é cofundadora do movimento da sociedade civil Todos pela Educação. Outro grave erro, segundo ela, é selecionar professores próximos da aposentadoria, cansados de aplicar provas e trabalhos, para atuarem na Educação Infantil, etapa

que requer mais energia para a realização de um ensino significativo. “Você desperdiça o desejo profundo de aprender das crianças pequenas quando não estrutura as atividades e materiais que serão propostos para sua aprendizagem”, previne Cláudia. Embora seja desejável que exista tempo na pré-escola para o livre brincar, é preciso organizar as aprendizagens, em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Cláudia, que integra, desde o final de 2020, o Instituto para Aprendizagem ao Longo da Vida, da Unesco, e o Conselho da Qatar Foundation, conta que uma colega professora de Harvard, ao visitar inúmeras creches e pré-escolas no Brasil, constatou que muitos professores brasileiros não entendiam o brincar com intencionalidade pedagógica, ao vê-los tomando café e conversando enquanto as crianças brincavam no parque.

O mito que existe em algumas escolas de que não se deve alfabetizar na primeira infância é equivocado, de acordo com Cláudia, que explica que errado é alfabetizar de forma estruturada, como dizer “Vamos para a página 3 do livro”. Mas, por meio de atividades lúdicas planejadas, são feitos avanços interessantes que ajudam a nivelar as diferenças de origem socioeconômica no desempenho escolar futuro e garantem a muitas crianças o mesmo direito de aprender que outras nascidas em famílias mais afluentes. “Basta olhar para o que uma mãe de classe média faz com sua criança pequena. Semana retrasada, quando eu estava no aeroporto, uma mãe brincava com uma criança de cerca de 2 anos de um jeito muito legal. Havia um texto escrito no chão e a mãe pedia: ‘Descobre onde está a letra n e então pisa na letra’. A criança, deslumbrada, encontrava a letra, pisava e pedia: ‘E agora mãe, qual letra?’ ‘A letra P!’ E a brincadeira rolava na maior farra”, ilustra Cláudia, que lecionou na École Nationale D’administration



“O MITO QUE EXISTE EM ALGUMAS ESCOLAS DE QUE NÃO SE DEVE ALFABETIZAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA É EQUIVOCADO”



Publique (Enap) no Canadá, para mostrar que, sem perceber, famílias de classe média ensinam suas crianças de forma lúdica.

DERRADEIRO AFETO

Há pesquisas que comprovam que, se uma criança, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sente que a professora não gosta dela, bloqueia parcialmente sua capacidade de aprender. “A criança aprende melhor em ambiente afetivo.” Levar a turma da pré-escola para conhecer alunos do 1º ano, para que contem com sua própria narrativa como é sua rotina, trabalha o medo que as crianças têm de que as outras não gostem delas, ou os professores, que, segundo psicólogos, são a fonte de maior preocupação, pois o afeto nessa faixa etária é decisivo. Outra dica é mostrar para a criança que os saberes iniciais que foram trabalhados com ela, por exemplo, a introdução à alfabetização, vão se desenvolver mais quando ela chegar ao 1º ano, já que, diferentemente de um adolescente que se assusta diante de novos aprendizados, para a criança pequena é fonte de prazer.

É papel da gestão zelar pelo ambiente de aprendizagem na escola e cabe ao diretor criar esse espaço para que professores possam colaborar entre si no planejamento das aulas e das atividades. Cláudia, que foi ministra da Administração e Reforma do Estado no governo FHC, conta que Michael Fullan, pesquisador educacional canadense e referência em reforma educacional, diz que o diretor da escola é o principal criador da cultura de colaboração entre os professores. Em países como Cingapura, Coreia do Sul, Finlândia e China, docentes planejam e aprendem de forma colaborativa. “Depois de formado na universidade, o aprendizado profissional se dá muito melhor em serviço, com colegas professores, onde um mais experiente serve de mentor para outro com menos experiência”, assegura Cláudia.

PRIORIZAÇÃO CURRICULAR

O momento presente é de uma transição específica, da Educação Infantil para os anos iniciais do Ensino Fundamental, que ocorre durante a desace-



leração da pandemia de covid-19. Vale lembrar que 81,4% dos alunos brasileiros estão em escolas públicas e retornarão para o ensino presencial sem ter adquirido as competências que normalmente são trabalhadas na Educação Infantil. Escolas deram orientações aos pais, atividades para realizarem em casa, mas poucos utilizaram plataformas e a conectividade foi um problema para as crianças pequenas.

“Na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, são indispensáveis um processo de priorização curricular e um olhar cuidadoso para as crianças que não se beneficiaram do processo da Educação Infantil”, alerta Cláudia. Com quase dois anos de escola fechada, a criança não desenvolveu na Educação Infantil as competências próprias dessa etapa. A professora primária e a professora do Ensino Fundamental I terão de olhar para essa criança de outra maneira e investir parte de seu tempo em trabalhar competências que normalmente as crianças aprenderiam

“A CRIANÇA APRENDE MELHOR EM AMBIENTE AFETIVO”

na pré-escola, como trabalhar em grupo, não ridicularizar aqueles que não desenvolveram bem a fala e lembrar que muitos alunos do 1º ano não tiveram noções sobre as primeiras letras.

Em escolas particulares e nas escolas públicas, também é crescente a recomendação de ensinar consciência fonológica, que é a capacidade de perceber os sons da fala e manipulá-los: aprender os sons das letras por meio de brincadeiras, aprender o nome das letras, a letra de seu próprio nome, reconhecer seu nome e identificá-lo por escrito são saberes que provavelmente não aprenderam na Educação Infantil. São crianças que entrarão com 6 anos no 1º ano do Ensino Fundamental sem contato com o acesso inicial ao código letrado, conclui Cláudia Costin. 🌍



LEITURA



A busca por **jovens leitores**

**Grande parte das famílias
brasileiras não lê e a
escola é sobrecarregada**



Boa parte das pessoas teve a experiência de começar a ler no ambiente escolar, mas a responsabilidade de formar leitores também é da família. As casas brasileiras, em sua grande maioria, não são ambientes propícios. Pais que não leem, crianças sem acesso, também por razões socioeconômicas. Estevão Azevedo, mestre pela Universidade de São Paulo (USP) e escritor, assegura que mais desafiador que uma criança que vem de uma família assim, é um professor que não lê. Ele conta que Ana Maria Machado, jornalista, professora e escritora brasileira, diz que é muito difícil ensinar a se apaixonar pela leitura se o professor também não é. “Se falamos com paixão de um livro que a gente gosta, há muito mais chances de alguém ter interesse em conferir essa obra”, acredita Estevão, que é coordenador editorial de literatura da FTD Educação.

A formação de professores leitores é fundamental para que as crianças se interessem, pois são eles

os mediadores desse processo. Estevão explica que os docentes de todas as disciplinas devem ser leitores, não apenas o de português ou de redação. “O de geografia pode falar para seus alunos de uma obra que o agradou e que trate de um tema de sua área. Há também os que envolvem a matemática, exemplifica Estevão, autor do volume de contos “O som de nada acontecendo”, do grupo editorial Record.

Ao abordar seu uso, muita gente entende que dentro do universo escolar a literatura é um instrumento para aprender algo específico. Quando a escola decide adotar uma obra para ensinar geografia ou história, certifica essa ideia, de que o mais importante é o conteúdo que ela transmite sobre algum saber do mundo. Só que isso vai na contramão da boa literatura e do que preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobre formar pela fruição literária.

Estevão explica que para desenvolver as crianças desde cedo, a literatura tem importância por si só, e não somente pelos conteúdos que transmite. É essencial que aprendam a enxergar o universo que ela traz: as palavras que são escolhidas, o modo como são agrupadas, o trato com a língua. “Deve abordar o que existe no mundo e um dos seus potenciais é ajudar a compreender tudo isso”, avança Estevão, autor do infantil “Pronto, foguete, vamos!” da FTD. Há narrativa que fala da água, da história do Brasil, de questões socioemocionais, mas, para ser útil, não deve tratar de uma única coisa e de um jeito só. Ela não pode dar apenas uma resposta. “Se um livro responde a uma pergunta apenas, isso normalmente é má literatura ou um panfleto, um manual de instruções, algo dogmático”, complementa Estevão.

Um livro adotado para trabalhar especificamente o ciclo da água é paradidático, e foi escrito com esse objetivo. Há o que encanta pela escolha e sonoridade das palavras, pela beleza de suas imagens textuais ou pelas reflexões que provoca. “E por essa razão é que a literatura segue viva, século após século. Imagine se, feita há 500 anos, dependesse de um contexto específico daquela época, para ser compreendida. Ela não duraria até



“A leitura tem que ser um espaço de prazer, onde a mediação estimule a criança a chegar às suas próprias reflexões sobre o livro”



hoje. Mas a boa literatura segue fazendo perguntas diferentes, para gerações e pessoas diferentes, não se fecha numa única questão”, desenvolve Estevão, autor de “O dia em que meu prédio deu no pé”.

A literatura sempre ensina, às vezes algo inesperado, que não esperávamos, e é por isso que ela não se presta tão bem à função de abordar um único conteúdo. Estevão destaca o poder de lidar com sentimentos, com a alteridade, quando, através de uma história, pode-se viver profundamente a vida de outra pessoa, a ponto de vivenciarmos as emoções de um personagem, porém num ambiente seguro, protegidos pela ficção. Um bom livro que se passa durante a Guerra do Paraguai, por exemplo, ensina a compreender melhor o ocorrido, mas também pode orientar a usar melhor as palavras e a ler melhor, ilustra Estevão, que con-

tinua: O clássico *Dom Casmurro* pode falar sobre o Rio de Janeiro do final do século XIX, o costume, geografia, economia e arquitetura da época, mas também ensina sobre quem está contando a história: “Será que Capitu traiu? – pois quem está me contando essa história é o homem que se supõe traído”.

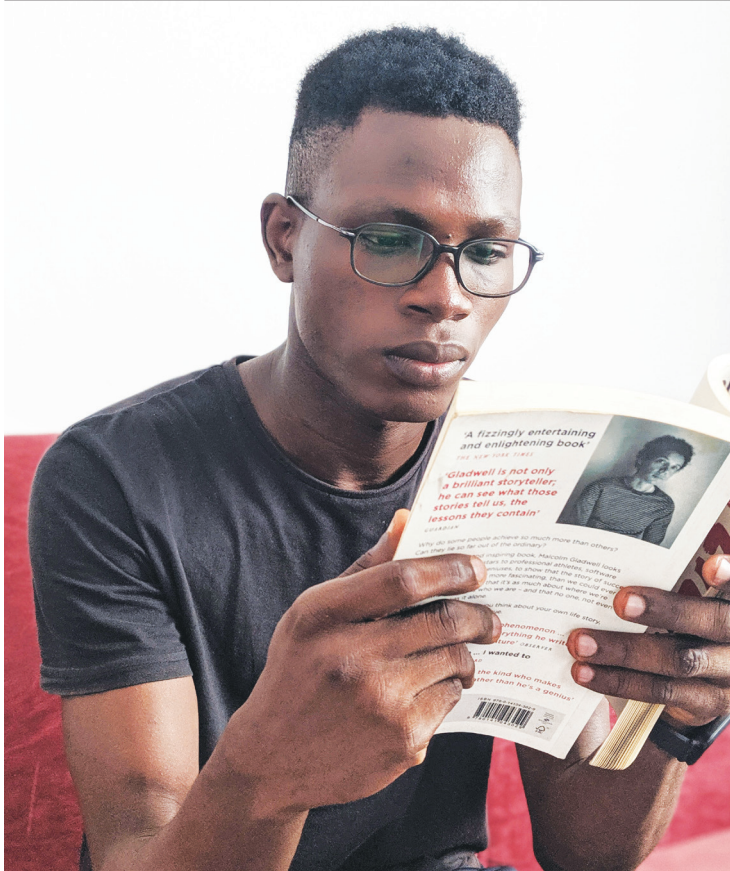
UM ESPAÇO DE LIBERDADE

Deve-se estimular a criança a ter prazer com a literatura, e o segredo para isso acontecer é dar liberdade. “A criança interpreta como quiser, se atém ao que lhe chama a atenção, ao que lhe encanta ou ao que lhe toca, faz uma leitura livre de imposições, sem avaliações ou cobranças. Estevão frisa a importância que o mediador seja o professor na escola, ou um familiar em casa, e o espaço de liberdade deve ser estimulado e respeitado.

Segundo Estevão, a criança deve ter contato com o livro desde bebê, inclusive para estragar, quando quiser. Ele conta que Yolanda Reyes, escritora colombiana e pesquisadora das relações

entre leitura e primeira infância desde os anos 1980, costuma dizer que na primeira infância começa pela emoção, pela pele e pelo tato. Fundadora do Espantapájaros, um espaço para a infância em Bogotá, há uma “bebeteca”, onde crianças bem pequenas leem ao ouvir a voz de seus pais, ao morder os livros, ao folhear suas páginas de cabeça para baixo.

Estevão fala sobre rimas, que de forma fácil e intuitiva apresentam à criança um texto que tem um trabalho estético, onde o autor escolhe palavras que rimam e que possuem uma sonoridade gostosa. Sem teorizar sobre isso, mostram à criança que a literatura é uma arte que lida com palavras, quando ela experimenta e cria novas rimas e as memoriza facilmente. Assim também com as ilustrações: “Quando o autor desenha somente os olhos da baleia demonstra que ela é tão imensa que não



cabe na página, ensinando a criança pela diversão e fruição”, ilustra Estevão.

Uma história acumulativa é um gênero caracterizado pela repetição de ações ou falas que funcionam muito bem com a criança pequena e que aos poucos a fazem perceber que a história irá se repetir, mas que trará um elemento novo. Quando se lê uma adivinha para a criança, ela percebe que precisa encontrar uma resposta para a pergunta feita e isso é muito divertido. O desafio é ajudar o aluno a encarar com prazer e não como um fardo.

Enfrentar tudo isso na escola é tarefa difícil porque partimos de indicações de leituras padronizadas, porém trata-se de obras importantes e que devem ser trabalhadas. É fundamental conhecer Machado de Assis porque faz parte do patrimônio cultural da humanidade, é um direito e uma ferramenta indispensáveis. O jovem deve ter acesso ao cânone,

mas ele também precisa de um espaço de liberdade, uma biblioteca onde ele possa escolher.

A escola deve criar estratégias. Um erro é condicionar a leitura a um teste para verificar se o aluno entendeu a história. “Pode ser que ele não saiba responder as 5 perguntas da prova, mas o livro pode ter transformado esse aluno profundamente em outros aspectos. Estevão adverte que exigir pós-leituras são formas que matam o prazer.

Um bom livro é o que usa as palavras com propriedade, traz beleza e recursos estéticos. “A literatura é uma arte de múltiplos sentidos: Se eu domino a estética do texto, mas que tenta claramente doutrinar sobre determinado aspecto e ao término chego a uma única conclusão, então isso é má literatura, pois chega com um conteúdo imposto, e não abre a possibilidade para o leitor fazer sua própria interpretação.”

ALUNOS NA CONSTRUÇÃO DA PRÓPRIA TRAJETÓRIA

Hoje em dia, clubes de leitura no Brasil e no mundo estão fervilhantes de pessoas que se reúnem espontaneamente. A sensação de fazer parte de uma comunidade se mostra poderosa. “Na maior parte das vezes é uma atividade íntima, em que lemos sozinhos e em silêncio, mas compartilhar leituras e opiniões é algo poderoso e que forma muitos leitores”, conta Estevão.

“Depois de ler um livro de ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir playlists, vlogs, vídeos-minuto, escrever fan-fics, produzir e-zines, nos tornar um booktuber, dentre outras muitas possibilidades” (BNCC, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental, p 68).

A DIVERSIDADE É DECISIVA

É preciso que o jovem encontre aqueles com os quais se identifique. Até pouco tempo atrás tínhamos dificuldade de encontrar nos livros, na TV e nas músicas, personagens negros, mulheres, homossexuais, indígenas como protagonistas das

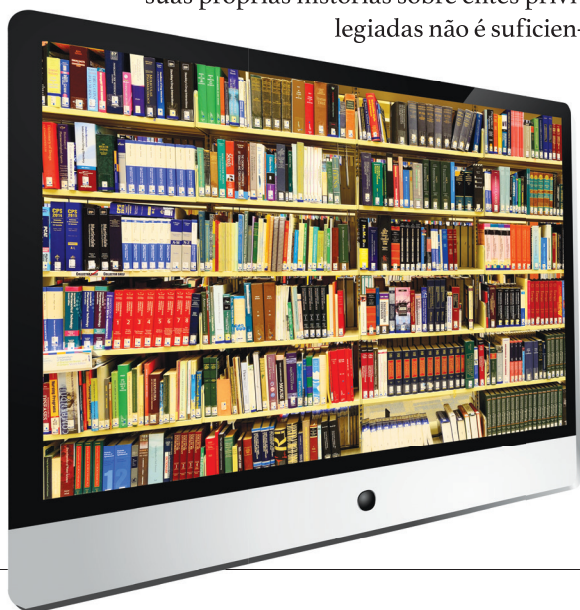


histórias. Essas pessoas não eram encontradas. “Se o protagonista é sempre homem, branco, letrado e mora no Sudeste, como alguém diferente disso vai se identificar com o livro que lê?”, pergunta Estevão. Esse pequeno espectro de pessoas que contam suas próprias histórias sobre elites privilegiadas não é suficien-

te para dar conta da complexidade e diversidade do mundo, e assim, estamos perdendo muitas histórias boas. “A diversidade é decisiva não só para a literatura e a vida escolar, mas para a sociedade, cidadania e democracia”, garante Estevão.

ENSINO HÍBRIDO REÚNE PESSOAS NUMA ESPÉCIE DE RODA DE LEITURA

As possibilidades que hoje se apresentam para quem quer conhecer livros, se formar como leitor, professor ou escritor, aumentaram no mundo híbrido, com uma infinidade de cursos, palestras, eventos e oficinas de escrita, que sempre existiram, mas que antes eram procurados por poucos”, explica Estevão. Já na educação infantil e início do fundamental I, quando são ilustrados, ter o livro na mão para explorar as ilustrações é essencial. Conhecer o peso, capa e contracapa, identificar autor e ilustrador e participar das rodas de leitura trazem muitos aprendizados, além da história. 🌐





Trabalhar os impedimentos da aprendizagem



Quando a deficiência era vista sob a ótica médica, a escola regular não era espaço de inclusão.

Hoje, a abordagem é social e os professores precisam dar conta das aprendizagens do aluno

A maioria dos países, diferentes modelos definiram a educação das pessoas com deficiência: a segregação, a integração e a inclusão. A segregação caracteriza-se pela separação de crianças com deficiências para o ensino em escolas e classes especiais. Já a integração contempla algum grau de aceitação desses alunos, que podem frequentar escolas regulares, desde que se adaptem às condições que a instituição oferece. A inclusão reconhece o direito à educação, sendo as escolas responsáveis pelo ensino de cada aluno e levadas a realizar os ajustes necessários para garantir o acesso, a permanência e o aprendizado de todos.

Essa nova perspectiva se baseia no reconhecimento da diferença como característica humana e na compreensão da deficiência como fenômeno social. “Descobrir o que está dificultando o desenvolvimento das aprendizagens do estudante, identificar quais são as barreiras e trabalhá-las, faz parte da abordagem social”, expõe Rodrigo Bit-



Rodrigo Bittencourt: “Se algum recurso não funciona, é preciso recalcular a rota com rapidez, por essa razão as reuniões de planejamento são tão importantes e montar o plano de aula, fundamental”

tencourt, mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Rodrigo compara trabalhar as barreiras sociais (da exclusão) e as barreiras intelectuais (da aprendizagem), na escola, da forma como se constrói uma barreira arquitetônica: no lugar da escada, monta-se um elevador ou uma rampa. A escola também precisa encarar os impedimentos da aprendizagem.

Entre as 20 metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação (PNE), a meta 4, particularmente, diz respeito à educação especial: “universalizar, para a população de 4 a 17 anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvi-

to (TGD) e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado (AEE), preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados”.

Rodrigo, que é também especialista em flexibilização curricular, avaliação e políticas públicas para educação básica, aponta que tão importante quanto o atendimento educacional especializado na escola é o coensino, que acontece quando o professor da sala de recursos com especialidade em alguma deficiência atua dentro da sala de aula regular, auxiliando o professor a identificar quais são as barreiras que impedem o desenvolvimento das aprendizagens do aluno.

Rodrigo fala da experiência que teve assim que se formou, numa escola em São Paulo, referência em educação especial inclusiva, com estudantes com paralisia cerebral e cognitivo preservado, síndrome de Down, deficiência intelectual, autismo e o quanto esse trabalho foi desafiador. Na primeira semana ele pensou em desistir. Tudo que trazia pronto e esquematizado, reproduzindo a escola que viveu, não atendia em nada àquela realidade. Mas decidiu aprender sobre provas e avaliações, e constatou quão equivocada era sua forma de avaliar, sem olhar para as especificidades.

“Aprendi que nunca se deve entrar numa classe sem um plano de aula”, indica Rodrigo, que possui especialização em altas habilidades/superdotação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – SP). O trabalho que Rodrigo realizou nessa escola foi baseado em planejamento. Fez um mapeamento de todos os estudantes e identificou as necessidades e os objetivos que seriam trabalhados. As reuniões entre as áreas eram semanais, pois as trocas ajudavam a conhecer o aluno, o seu estágio atual e sua evolução. “Muitas vezes lançamos mão de algum recurso que não funciona e é preciso recalcular a rota com rapidez. Por essa razão as reuniões de planejamento são tão importantes e montar o plano de aula é fundamental”, conclui Rodrigo.





A IMPORTÂNCIA DE FLEXIBILIZAR O CURRÍCULO

A educação voltada para a memorização de conteúdos não tem mais valor. Agora o foco é desenvolver um leitor crítico, a capacidade de abstração e cognição para resolução de problemas. O “saber fazer” é o que a escola deve fortalecer no estudante. “Não funciona entregar o livro para o aluno que possui sua capacidade leitora desenvolvida; é necessário olhar para todos e trabalhar juntos, flexibilizar pra todo mundo”, esclarece Rodrigo, que é coordenador nacional da área de avaliação educacional na FTD Educação.

O especialista relata que a escola tem que incluir, não é só matricular, a inclusão se dá na flexibilização do currículo, entender que há um sujeito que é diferente, com potencial e direito à aprendizagem e que precisa ser desenvolvido em suas capacidades. Esse aluno necessita de outros recursos e tecnologias assistivas. A flexibilização para um serve para todos os outros. “Um professor de

geografia reproduziu na sala uma espécie de tapete sensorial, representando o mapa com clima e vegetação, para que uma aluna com deficiência visual pudesse tocar e sentir com suas mãos e pés. Todos puderam ter essa experiência, até os professores das outras salas vieram experimentar. Esse é o lugar da flexibilização”, ilustra Rodrigo. A escola necessita de ajuda nessa caminhada e trabalhar com a família é fundamental, não no desenvolvimento das aprendizagens, mas no desenvolvimento da autonomia diária. Porque o que acontece na escola não pode só acontecer lá, precisa repetir-se também em casa, quando pensamos em rotina.

Ao se falar em salas de recursos e tecnologias assistivas, há muitos recursos para esses estudantes. É dever da escola acompanhar, e os professores precisam estudar e conhecer o que existe, pois, diante da dificuldade da escola em lidar com a diversidade, são necessários esforços adicionais para a reconstrução do seu modelo educativo, tendo como eixo o ensino para todos. 🌐



Investir na educação infantil para melhorar a vida

Nascemos com um cérebro capaz de aprender e é por essa razão que crianças aprendem tão rápido, porém, não há ainda no cérebro humano uma programação que facilite a aprendizagem da leitura e da escrita, como acontece com a linguagem oral. A linguagem oral é simples, e mesmo com pouco estímulo, e sem precisar ir à escola, a criança aprende a falar. Já a linguagem escrita é recente, foi criada há cerca de 10 mil anos, e por essa razão não houve tempo para uma evolução genética e nosso cérebro não é dotado de uma pré-disposição para ler e escrever.

Nas crianças pequenas as conexões neurais são mais plásticas e há períodos nos quais se tem mais facilidade para adquirir determinadas aprendiza-

gens. Aprender os fonemas de outra língua e adquirir uma pronúncia de nativo geralmente é mais fácil até os 12 anos. Já as funções executivas, controle inibitório, atenção, concentração, começam a se desenvolver por volta dos 5 e 6 anos de idade. A maior flexibilidade está nos 6 primeiros anos de vida (primeira infância). As crianças têm uma profunda modificação da arquitetura do cérebro e quanto mais estimulação de qualidade tiverem, melhor será a estrutura da arquitetura cerebral criada. É o momento de construir uma base sólida que permita aprender ao longo da vida.

Estudos mostram que, privadas de estimulação ou recebendo estimulação inapropriada, têm dificuldades acentuadas que podem ser eventualmente contornadas, mas que vão demandar programas de remediação. James Heckman, economista ame-

ricano, diz que a primeira infância é um divisor de águas e que cada dólar gasto com uma criança pequena trará um retorno anual de mais 14 centavos durante toda a sua vida. “Se você investe na educação infantil, diminui os problemas ao longo da vida”, afirma Renan de Almeida Sargiani, neurocientista cognitivo que foi coordenador geral de neurociência cognitiva e linguística do Ministério da Educação (MEC). O grande desafio da alfabetização é reconhecer que a educação infantil tem uma importância muito grande e vai impactar o que acontecerá no 1º ano do ensino fundamental I, revela Sargiani, pós-doutorando em educação, linguagem e alfabetização na Harvard Graduate School of Education.

Sargiani não defende que se deva alfabetizar na educação infantil, preocupação de muitos educadores, mas crê que não é errado mostrar um livro para a criança, ler uma história, falar sobre o vocabulário, estimulá-la a pensar em palavras, ensiná-la que a escrita serve para transmitir mensagens, brincar com os sons da fala e mostrar como a boca se mexe ao falar. “As crianças chegarão ao 1º ano com muitas diferenças, de vocabulário, de conhecimento e essas diferenças importam. Haverá algumas que estarão começando a ler, outras que leem de forma independente e algumas que nunca viram um livro”, explica.

Pesquisas mostram que crianças que recebem estimulação para habilidades fundamentais para alfabetização têm um impacto nos 5 primeiros anos do ensino fundamental. “Você realiza uma avaliação no 5º ano e nota a diferença por ela ter adquirido essas habilidades na educação infantil.”

Alguns especialistas entendem que as habilidades adquiridas na educação infantil deverão centrar em questões afetiva e social, em aspectos cognitivos, em coordenação motora fina e ampla e na linguagem. Além disso, o aperfeiçoamento de competências e habilidades na educação infantil contribui com o processo de aprendizagem. Características desenvolvidas desde os primeiros anos de vida impactam a forma como os alunos adquirem e aplicam os conhecimentos aprendidos. 🌐

De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), são 11 variáveis que podem presumir fortemente o sucesso na alfabetização:

1. **Conhecimento alfabético:** conhecimento do nome, das formas e dos sons das letras do alfabeto.
2. **Consciência fonológica:** habilidade abrangente que inclui identificar e manipular intencionalmente unidades da linguagem oral, como palavras, sílabas, rimas e fonemas.
3. **Nomeação automática rápida:** habilidade de nomear rapidamente uma sequência aleatória de letras ou dígitos.
4. **Nomeação automática rápida de objetos ou cores:** habilidade de nomear rapidamente sequências de conjuntos de figuras de objetos (por exemplo, carro, árvore, casa, homem) ou cores.
5. **Escrita ou escrita do nome:** habilidade de escrever, a pedido, letras isoladas ou o próprio nome.
6. **Memória fonológica:** habilidade de se lembrar de uma informação dada oralmente por um período curto de tempo.
7. **Conceitos sobre a escrita:** conhecimento de convenções de escrita (por exemplo, esquerda-direita, cima-baixo) e de conceitos (capa de livro, autor, texto).
8. **Conhecimento de escrita:** combinação de elementos do conhecimento alfabético, conceitos sobre a escrita e decodificação inicial.
9. **Linguagem oral:** habilidade de produzir e compreender a linguagem oral, incluindo vocabulário e gramática.
10. **Prontidão para leitura:** geralmente uma combinação de conhecimento alfabético, conceitos sobre a escrita, vocabulário, memória e consciência fonológica.
11. **Processamento visual:** habilidade de parear ou discriminar símbolos apresentados visualmente.



“Investir na educação infantil diminui os problemas ao longo da vida”

Escola e família como pontos de apoio

Questões de
aprendizagem
precisam
de um olhar
individualizado



“Precisávamos estar mais próximos da Bia para encorajá-la nesse período: eu ficava ao lado dela nas aulas on-line e o pai acompanhava-a com as tarefas de casa”

S seja qual for o modelo de ensino, online, presencial ou híbrido, as crianças e jovens precisam ter um olhar individualizado de uma equipe multidisciplinar, formada pelo professor polivalente, professores especialistas, coordenador, psicopedagogo, assistente social e psicólogo. Fragilizado, o aluno traz questões de aprendizagem que precisam ser trabalhadas de maneira particular e deve haver a mesma dedicação às questões socioemocionais, agravadas pelo isolamento social, medo,

e o luto que alguns viveram de perto. É necessário superar as dificuldades de aprendizagem e de adaptação às novas práticas educacionais, à rotina de aulas no ambiente familiar, onde nem sempre há estrutura e apoio.

O despreparo dos pais frente à responsabilidade acadêmica dos filhos é real. Uns porque não sabem ensinar e acompanhar de perto as atividades, outros porque não querem e há os que não podem. Fabya Jakellyne Alves Souza, que é coordenadora pedagógica, e mãe de Beatriz, do 2º ano do ensino fundamental, na Bahia, conta que, ao notar o declínio dos estudantes, a estratégia pode ser a criação de um

plantão pedagógico. Formado por uma equipe multidisciplinar, no plantão o professor personaliza o atendimento às necessidades educativas especiais: crianças e jovens com autismo, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, dislexia, altas habilidades e superdotação.

Alunos com necessidades emocionais que demandam apoio de um psicólogo também são atendidos. Os que apresentam dificuldade na aprendizagem em relação ao conteúdo são direcionados aos professores especialistas de cada disciplina, para que todos sejam acolhidos e para amenizar a frustração do momento, relata Fabya, pedagoga pela Faculdade Integrada do Planalto Central. “Noto que o distanciamento social trouxe aos estudantes uma introspecção maior, a não participação ativa nas aulas, falta de interesse nos estudos e até o abandono escolar, pois na aula online, por exemplo, a tela do computador concorre de forma desigual com a cama e a TV e, quando se trata de adolescentes, o cuidado deve ser absoluto ou perdemos esse aluno”, frisa Fabya, pós-graduada em psicopedagogia pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia.

No dia a dia, a atenção do professor é fundamental para observar, por exemplo, quem não abriu a câmera, o que se mostrou disperso, o que não participou do chat e então intervir para auxiliá-lo. “O professor pedia que o aluno ficasse online após o término da aula para conversarem sobre eventuais dificuldades e era nesse momento que tanto as dúvidas em relação ao conteúdo quanto os problemas emocionais apareciam, e o aluno tinha, na figura do professor, um amigo”, explica Fabya que é também neuropsicopedagoga.

Ela relata que sua filha não assistia às aulas on-line, tinha dificuldade em permanecer sentada, manter-se focada e que sua adaptação às aulas remotas foi trabalhosa. “Tentei auxiliá-la, revisava o conteúdo que a professora passava, mas infelizmente ela teve dificuldade, o que ocasionou um atraso em seu aprendizado”, expõe. Fabya relata que a filha só começou a ler no 2º semestre de 2021, quando retornou ao ensino presencial, onde fica período integral, para que no contraturno das aulas tenha um reforço escolar para recuperar as aprendizagens que não foram obtidas enquanto estava no ensino online.

“Tanto eu quanto o pai da Bia percebemos que precisávamos estar mais próximos dela para encorajá-la nesse período complicado e dividimos essa tarefa: eu ficava ao lado dela nas aulas online e o pai acompanhava-a com as tarefas de casa”, descreve.

Um quadro bem geral nas escolas públicas e particulares era de pais atarefados com o teletrabalho, outros perdendo seus empregos e ainda os que não pararam de trabalhar, buscando alternativas para a questão educacional de seus filhos. Alguns desabafos encontrados em redes sociais também evidenciaram uma sobrecarga, muitos dizendo acompanhar os filhos, mas que as aulas pela TV ou vídeos não têm explicação suficiente, às vezes com muita cópia de exercícios e pouco tempo para realizar. Notou-se também a queixa de que muitas das atividades os alunos não conseguiam realizar sozinhos. Registraram, ainda, que algumas atividades demandavam materiais recicláveis e que não eram avisados previamente e na hora do vídeo precisaram providenciar e improvisar gerando frustração neles e nas crianças.

Conciliar as atividades de esposa, mãe, dona de casa e acompanhar as atividades pedagógicas da filha deixou Fabya sobrecarregada, mas bem próxima de Beatriz. Ela descreve sobre como a escola trouxe a ludicidade para as aulas do ensino fundamental, modelo usado na educação infantil, e como os resultados foram positivos. Os professores gravaram podcasts, montaram apresentações com cartazes, lives com a participação das crianças, atividades remotas com mágicos e palhaços e a cultura maker também entrou, na produção de pães e biscoitos, mesmo de forma remota, em que a família pôde participar junto com a criança. Essa escola utiliza como suporte pedagógico o Google Meet, Google Classroom, Google Forms e a plataforma do sistema de ensino da FTD, cujos vídeos fazem sucesso entre os alunos, e inclusive tendo sido responsáveis pelo interesse de sua filha pelas aulas online, revela Fabya.

Esse período deixou um novo legado para a educação. Serão necessários cada vez mais professores criativos, que estudam para atender às exigências do momento atual e uma escola que esteja próxima da família, para ouvir, refletir e mudar se preciso for; são peças essenciais para alcançar a excelência no ensino”, conclui. 🌱

An illustration featuring several hands of various skin tones (light brown, tan, and dark brown) reaching in from the edges of the frame to hold a circular white space. The hands are rendered in a stylized, flat-shaded manner. The circular space in the center contains the text.

**“Felicidade
do Brasil
está em sua
diversidade”**

Indígena Daniel Munduruku enaltece os Brasis, critica a valorização apenas do europeu e fala da importância de uma teia tecida por diferentes povos pertencentes a uma mesma nação

Conhecer as histórias dos antepassados, práticas e costumes antigos e presentes, já que a cultura não é estática, auxilia na compreensão do que é ser brasileiro, possibilitando um sentimento de pertencimento, acredita Daniel Munduruku, indígena, professor e escritor com 55 livros publicados, tendo dois prêmios Jabuti. Contudo, Munduruku afirma que grande parte da população brasileira não possui esse sentimento de pertencimento porque não valoriza suas origens. “Nesse sentido, somos um povo sem identidade. Embora dentro de nós tenhamos mais de uma matriz, aprendemos a valorizar a europeia. Hoje em dia o movimento é mais forte, mas durante muito tempo acabamos negando”, critica.

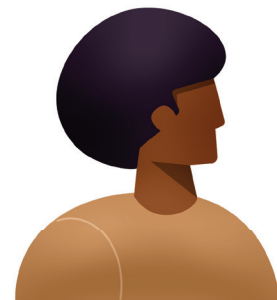
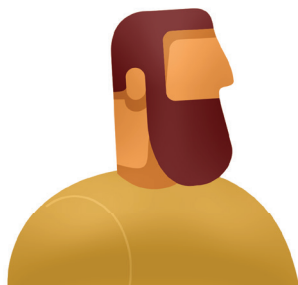
O indígena, que é doutor em educação e pós-doutor em linguística, coloca a escola como um aparelho ideológico que transmitia – e em alguns casos ainda transmite – essas negações ancestrais. Porém, ele não culpa a instituição escolar em si, porque sabe que ela apenas reproduz a história contada por uma mão única.

E o que acontece quando a cultura indígena (guarani, pataxó...), europeia (portuguesa, italiana...), africana (bantu, sudanesa...) e oriental (japonesa...), que constituem o povo brasileiro, são acolhidas, sem desprezo? Segundo Munduruku, a sociedade fica feliz. “O Brasil tem vocação para a felicidade. A felicidade do Brasil está em sua

diversidade, porém aprendemos a não gostar da diversidade e valorizamos apenas uns 10% do que a gente tem de estrangeiro e o restante negamos. Mas a riqueza do brasileiro se constitui exatamente pelo fato de sermos diversos, diversos no sentido da diversidade, mas também do simbólico, diverso no sentido do verso, do verso único, universo, que nós somos, e que aprendemos a não gostar, infelizmente. Se descobrirmos essa diversidade dentro da gente e a valorizarmos, ninguém segura a gente, ninguém segura o Brasil e eu acredito muito nisso, nesse caminho.”

A cultura festiva, o jongo, a capoeira, o deitar na rede, o açaí, o chimarrão, descreve Daniel, são alguns exemplos do que significa ser brasileiro. Tapioca e Guaratinguetá, a saber, são palavras de origem tupi que fazem parte do dia a dia da população sem que se dê conta. “Por isso a língua brasileira é tão difícil para os estrangeiros. A língua portuguesa, de Portugal, é fácil, objetiva, porque é fruto de um único povo que se constituiu na Península Ibérica. No caso do Brasil, o povo vai se constituir de muitas línguas diferentes e centenas de línguas indígenas, centenas de línguas africanas trazidas para cá, línguas europeias, e até orientais

“SE DESCOBRIRMOS ESSA DIVERSIDADE DENTRO DA GENTE E A VALORIZARMOS, NINGUÉM SEGURA A GENTE, NINGUÉM SEGURA O BRASIL”



Daniel Munduruku: o escritor indígena é defensor da pedagogia do bem viver, da pedagogia do pertencimento e da pedagogia do parente – de cuidar um do outro



Divulgação

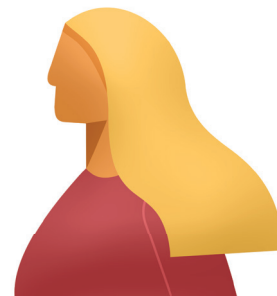
e o Brasil vai se estabelecendo justamente com esse diferencial. A nossa língua é riquíssima, poderosa, com sonoridade diversa pelas regiões do Brasil e que permite que a gente tenha essa noção de sermos um povo novo, como diz Darcy Ribeiro, diferente. Eu acho isso a coisa mais linda do mundo. Sou apaixonado pela cultura brasileira exatamente nessa dimensão que ela possui. Sem essa diversidade a gente se torna um país como outro qualquer e é isso que não podemos permitir que aconteça”, pontua.

PEDAGOGIAS DO BRASIL

Estima-se que por volta de 1500 havia pouco mais de 3 milhões de indígenas na região hoje chamada Brasil divididos em cerca de 1.000 etnias. Já o último Censo, de 2010, aponta para 896.917 indígenas, 305 etnias e 274 línguas. Houve e ainda há um indiocídio.

Mesmo com tantas injustiças e inúmeros desafios para os povos tradicionais, e aqui se incluem todos e todas, como indígenas, quilombolas, quebradeiras de coco, fundo e fecho de pasto, Daniel Munduruku, aos 57 anos, é esperançoso. Com semblante tranquilo e sorriso no rosto, parafraseia Chico Buarque: esta terra ainda vai cumprir seu ideal. “Esse ideal é justamente se tornar uma terra nossa, a terra prometida que vai fazer com que a gente se realize de forma mais ampliada. Há muitas coisas e ideias, precisamos construir a nossa identidade a partir de uma pedagogia nossa, o que Darcy Ribeiro e Leonel Brizola chamavam de socialismo moreno, uma coisa que nasceria de nós para nós mesmos; como Paulo Freire tentou fazer. Nós para nós mesmos é pensar o Brasil pela sua

“TODAS AS MATRIZES QUE NOS FORMAM PRECISAM SER CONHECIDAS, CONSIDERADAS E ESTUDADAS”



própria pedagogia e que os indígenas já têm, como a pedagogia do bem viver, pedagogia do pertencimento, pedagogia do parente, de cuidar um do outro e não deixar ninguém para trás. Eu acho que isso seria fantástico”, ressalta.

Recentemente, o nome de Daniel Munduruku ganhou ainda mais força nacional por conta de uma carta de apoio para ele receber a cadeira 12 na Academia Brasileira de Letras (ABL) assinada por Chico Buarque, Itamar Vieira Jr., Pedro Bandeira, Ruth Rocha, Alice Ruiz, Ailton Krenak, dentre outros. Contudo, o renomado médico Paulo Niemeyer Filho acabou sendo eleito.

Sobre políticas afirmativas, ele as enxerga como necessárias para ajudar o Brasil na constituição de uma sociedade plural. Vale ressaltar que em 2021, pela primeira vez na história da USP (Universidade de São Paulo), o número de matrículas de estudantes oriundos da rede pública foi maior do que o da particular, 51,7%, dentre eles, 44,1% autodeclarados pretos, pardos e indígenas – resultado de vagas destinadas a esse público.

Para Daniel, há um dever de esperança porque o Brasil tem uma vocação para a felicidade. “Essa felicidade é aceitar que não podemos deixar ninguém para trás. Precisamos tomar conta uns dos outros, por isso precisamos construir a pedagogia do parente, e apesar da diferença o parente está junto, é solidário. O Brasil tem muito mais qualidade que defeitos, no entanto aprendemos a valorizar os defeitos em vez das qualidades porque isso faz parte do discurso de negação que a vida inteira fomos ouvindo”, aconselha.

“Todas as matrizes que nos formam precisam ser conhecidas, consideradas e estudadas e não



podem virar discurso identitário no sentido: sou feminista, sou indígena, e virar discurso de guetos, grupos. Precisamos fazer essa discussão como um todo, como uma grande teia e a teia tem todos os seus fios ligados entre si, aliás, a teia é formada por um único fio que a aranha vai produzindo. Eu diria que o Brasil é uma teia e precisamos valorizar esse fio, precisamos fazer crescer o nosso pertencimento a esse lugar”, conclui. 🌍

Universo de experiências, conhecimento e aprendizagens

**As habilidades práticas, cognitivas
e socioemocionais darão suporte
para a criação de atitudes e
valores que permitirão a
resolução das demandas
complexas da vida**



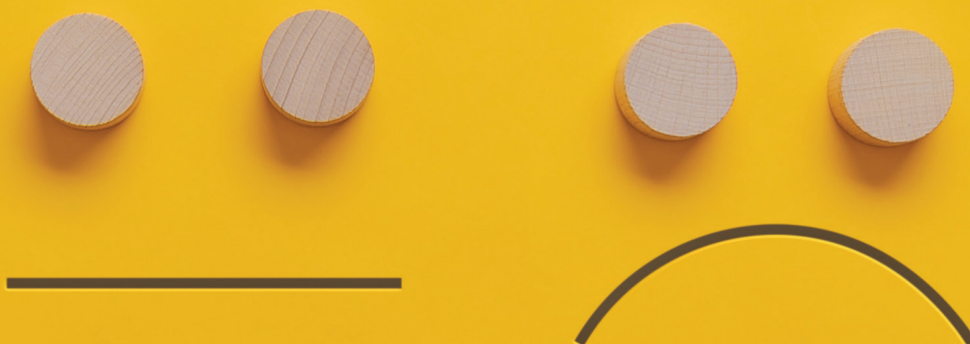


O mundo deve formar jovens com habilidades e competências que permitam enfrentar as transformações que ocorrem a todo momento. Isso começa na educação infantil, em campos de experiências com o “objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação”.

Nesse contexto, vítimas de um fato inesperado, alunos dos anos iniciais precisarão de um acompanhamento específico para que as competências e habilidades, o grande diferencial da educação

a partir de agora, ajudem na transformação. O processo de avaliação na escola terá que ser buscado considerando essas novas exigências. Com a Covid-19 e agora no pós-pandemia e retorno às aulas presenciais, toda essa discussão sobre avaliação deve ganhar concretude.

Como fazer uma avaliação se não houve aulas presenciais, o que impediu a interação, e os conteúdos não foram linearmente estruturados? Como avaliar o rendimento de um aluno que ficou isolado e não recebeu o todo da escola? Qual avaliação do impacto na criança se a pandemia ainda não acabou? Este é o momento para escolas aplicarem os discursos no campo da prática. “Desde a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nunca houve um momento tão fértil para o processo de avaliação (da escola, do aluno e do conteúdo)”, ressalta Geraldo Peçanha de Almeida, pedagogo pela Unesp.



AVALIAÇÃO



“DESDE A LEI DE DIRETRIZES E BASES (LDB), NUNCA HOUE UM MOMENTO TÃO FÉRTIL PARA O PROCESSO DE AVALIAÇÃO (DA ESCOLA, DO ALUNO E DO CONTEÚDO).”

– GERALDO PEÇANHA DE ALMEIDA

Na retomada, a escola precisará reavaliar seu papel e traçar estratégias para trabalhar as habilidades, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), essenciais para o mundo tão incerto. Certamente as habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais) darão suporte para a criação de atitudes e valores que permitirão a resolução das demandas complexas da vida moderna. Somente assim os alunos poderão exercer plenamente sua cidadania e estarão preparados para o mundo do trabalho, quando chegar esse momento.

Geraldo, que é mestre em teoria literária pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), fala sobre o decreto presidencial que autoriza as escolas a fazerem adaptações de conteúdo, de tempo de permanência da criança na escola e dos métodos de avaliação. “Está tudo flexibilizado legalmente até 31 de dezembro de 2021. Se a quantidade de dias letivos não aconteceu, o conteúdo esperado também não, por essa razão, o método de avaliação não pode ser aquele da totalidade e sim da parcialidade”, enfatiza Geraldo.

A Unesco alerta desde abril de 2020 que o risco não é perder um ou dois anos letivos, mas a infância inteira. Conteúdos e vivências fundantes e prioritários precisam acontecer na primeira infância, sobretudo até os 7 ou 8 anos, quando ocorre a aquisição da linguagem e o raciocínio lógico, pois, segundo a neurociência, a criança tem um tempo de aprendizagem. Se não há estimulação, retenção de conteúdo, memorização, essas estradas cerebrais são perdidas. Geraldo, que também é doutor em crítica literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), acrescenta que o conhecimento é socialmente determinado, que por mais que uma criança estude sozinha e tenha pleno domínio do conteúdo escolar acadêmico, o aprendizado se faz por relações sociais, por troca entre os pares, por conhecimento potencial de estar no mundo, no contexto, situação não vivida pelas crianças durante a pandemia.

Geraldo, com mais de 70 livros publicados, entre infantis, livros para educadores, para pais

e de autoconhecimento, explica que a escola não é a única responsável pela educação da criança e divide os pais em três grupos: 1) o pai que não ajuda porque não sabe, mas se for orientado, irá participar, 2) o pai que não ajuda porque não pode (o trabalho dele nunca parou), 3) o pai que não ajuda porque não quer. “Os três grupos devem ser assumidos pela escola para que o extraordinário aconteça em benefício da não perda da infância, para a qual a Unesco tem alertado. Orientamos os pais que não sabem, assumimos os pais que não podem e convencemos e transformamos os pais que não querem”, instrui Geraldo, que em 2020 passou a integrar a Academia Internacional de Literatura Brasileira, com sede em New York, que tem Paulo Freire como patrono.

A alfabetização foi a que sofreu maior impacto porque é a base e o alicerce de todo o processo, é de onde as crianças trarão o maior número de problemas pedagógicos. Muitas voltarão copistas, isto é, aquelas que só copiam. A criança tem uma letra linda, mas não sabe ler ou não compreende o que está lendo, porque em casa o pai focou a atividade da cópia. Outras trarão erros sérios, como trocas silábicas. As dificuldades do processo de alfabetização compõem o arsenal maior de avaliação e, portanto, de intervenção na volta da pandemia porque não houve um trabalho pedagógico contínuo do professor na presença da criança.

A TECNOLOGIA NO DIA A DIA É CAPAZ DE TRANSFORMÁ-LA EM PRÁTICA PEDAGÓGICA.

Há professores conscientes do trabalho a ser realizado no retorno às aulas presenciais, mas, segundo Geraldo, que implantou em Moçambique, na África, um programa de leitura e escrita, há os que não querem voltar para a sala de aula e que hoje, mais próximos da aposentadoria e há dois anos sem a prática na escola, voltam às atividades presenciais sem um olhar especial para o aluno.

“O professor brasileiro é usuário de tecnologia em todas as dimensões, portanto é capaz de utilizá-la”, assegura. Geraldo diz que ele usa tecno-



SISTEMAS DE LINGUAGEM

Em concordância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a prática pedagógica para uma criança nos anos iniciais precisa percorrer múltiplas linguagens, múltiplos tempos: aula síncrona e aula assíncrona (ensino híbrido) e múltiplos espaços (on-line e off-line).
Sistemas de Linguagem:

- 1) **Linguagem pictórica (comunicação através de imagens):** desenhos, mapas, representações, esquemas, histogramas de frequência, ilustrações
- 2) **Linguagem sonora:** contação de histórias, oralidade, rota fonológica, música
- 3) **Linguagem cinestésica:** material concreto, manipulado
- 4) **Linguagem midiática:** computador, tablet, telefone
- 5) **Linguagem gráfica:** letras e números



logia no seu dia a dia, quando utiliza um aplicativo de mapas para locomover-se na cidade, para pedir seu jantar, fazer cursos online, assistir a lives e participar de redes de relacionamento. “Ele só precisa transformar isso em prática pedagógica, mas os professores vão ter que se esforçar”, deduz. “Alguns se queixam de terem trabalhado dobrado na pandemia, mas desde os anos 90 se fala numa educação mediada pela tecnologia, na qual a inovação deveria ser colocada em sala de aula, então a surpresa da pandemia no caso do magistério é em função da doença e do isolamento”, endossa Geraldo Almeida.

“Nenhuma escola pode cobrar de uma criança, que esteve afastada por dois anos do contexto coletivo, aprendizados que ela teria em outros tempos”, confirma.

Geraldo, que é também psicanalista pela Sociedade Internacional de Psicanálise de São Paulo, explica que se a aula ocorre em 5 linguagens, a avaliação deve ser em 5 linguagens. Numa aula sobre o ciclo da água, para ser avaliado o aluno pode, por exemplo, desenhar um rio, o sol esquentando a água, o vapor subindo, uma nuvem cheia de gotinhas e a chuva caindo nas plantas. Esse aluno é avaliado e sua nota deve ser 10. Ele não precisa escrever um texto, porque ele tem condição de dar a devolutiva da aprendizagem com um sistema de linguagem previsto na legislação.

O aluno também pode fazer um relato oral, e gravar um áudio no WhatsApp contando como acontece o ciclo da água, construir uma maquete, criar um site, Instagram ou comunidade, ou produzir um texto. Este é o processo de avaliação para as crianças dos anos iniciais nesse tempo e no contexto atual, previsto na BNCC, discorre Geraldo Almeida. “A escola não pode aplicar uma prova com 50 questões e, se o aluno não se sai bem, aplicar nova prova com outras 50 questões, para recuperar a aprendizagem. Assim estamos jogando fora o que levamos anos construindo.”

A legislação é clara: múltiplas linguagens para educar e as mesmas múltiplas linguagens para fazer a avaliação, finaliza. 🌐

O portal **Conteúdo Aberto** está de cara nova.

Os conteúdos que você já acompanha agora podem ser encontrados com mais facilidade. Com uma área específica de acesso para professores e outra para estudantes, todos os recursos estão divididos por categorias que ajudam no dia a dia escolar.

Tudo disponível de forma aberta e gratuita, com atualizações o ano todo.



ACESSE E CONHEÇA:
conteudoaberto.ftd.com.br

Novo portal **Conteúdo Aberto**.
Conhecimento que aproxima.

**CONTEÚDO
ABERTO**

FTD
EDUCAÇÃO